

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.º*	18 n.º*	9 n.º*	à entrega
Portugal (franco de porte. m. forte)	3,800	1,900	620	\$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4,500	2,300	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5,600	2,850	—	—

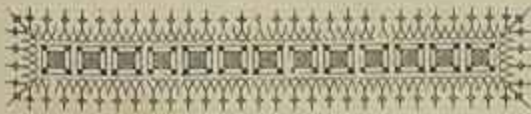
20.º Anno — XX Volume — N.º 664

10 DE JUNHO DE 1897

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Paço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Começa a villigiatura do verão e este anno mais cedo que nos anteriores, pois o calor vae apertando apesar do parlamento abrir hoje as suas portas como se estivessemos em janeiro, quando os cantores desalinam em S. Carlos e os deputados atiram socos ás carteiras em S. Bento.

Verdade é que para desafinações lá temos o D. Amelia com sua companhia lyrica; agora para o soco é que está um calor dos demonios, ainda que seja contra umas pacientes carteiras, que as mãos sempre ficam á arder.

Começam as villigiaturas; e, enquanto uns vão á formiga trocando Lisboa, pela fascinadora Paris ou Londres por ver se as libras lá estarão mais baratas, outros ensaiam o seu passeio até ás montanhas para refazerem os pulmões n'aquelle oceano de ar vivificante.

Adorável montanha quanto me seduz o teu bom ar e a tua boa paz; ainda conservo lembrança dos cinco dias que me acolhi no teu seio e parece-me ter ainda os pulmões oxigenados do ar saudavel que lá respirei.

Cinco dias, a ver sómente céu e montanhas!

Verdadeira consolação para mim homem da cidade, farto, aborrecido do tracto mundano, da vida da corte e da arcada, de ouvir fallar em empréstimos e em miserias, em pretensões e intrigas; farto da humanidade e sempre suspiroso por alguns dias de soeto, por um descanso passageiro que me vá illudindo, já que não tenho aposentação que me permita acabar a vida n'um recantosinho bem enternado a conversar á natureza, entre as arvores que se elevam até ás estrellas e a agua que serpeia pelos regatos, humilde e murmura como boa serva do Senhor!

— E então vamos até á Abronheira, disse-me o meu querido amigo sr. conde de Valenças.

Não podia resistir á amabilidade do convite e á impertinencia de uma bronchite, que esperava deixar por lá.

E fui, e com o maior prazer, em tão boa companhia.

Ah! eu adoro a paisagem montanhosa, unico lugar onde se pode encontrar um homem despreocupado e contente, ainda que não tenha camisa, como aquelle que os cortezãos encontraram, quando andavam em busca da camisa de um homem feliz para curarem de hypocondria o seu rei apaixonado e triste.

Quero-me no recesso das montanhas. Foi lá, n'um recanto de charneca, entre penedras e estevas como roseiras floridos, por onde crescem urzes gigantescas e os medronheiros salpicam com seus fructos vermelhos como sangue os macissos de verdura; n'aquelle charneca despovoada por onde cantam o rouxinol e o melro escondidos nas moitas á heira dos regatos, que se retorcem

por entre as pedras cobertas de verdes juncaes como hirsutas cabelleiras phantasticas; foi ali, no meio d'aquella natureza selvagem, agreste, que o illustre fidalgo fez apparecer uma vinha e uma casa como o oasis no meio do deserto.

Muitas iniciativas como esta e estaria resolvido o grande problema economico do paiz e que parece só agora preoccupar os governos, com medidas de fomento no papel.

Muitas iniciativas como esta... mas quantos

preferem agiotar com o Estado, a empregar os seus capitaes em valorisar a terra. E' mais comodo, e de mais egoismo tambem.

O transformar uma charneca n'uma terra cultivada, não é empreza facil, e estes animos de hoje vão pouco propensos a emprehendimentos trabalhosos.

Pois bem, tanto mais benemeritos e respeitaveis são os homens que se abalancam a taes emprezas.

A uns quinze ou dezesseis kilometros acima de



O. CORONEL JOAQUIM JOSÉ MACHADO — GOVERNADOR DA INDIA.

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

Montemor-o-Novo, percorridos quasi na totalidade por entre propriedades do sr. Conde de Valençães, encontra-se o monte da Abrunheira, que faz parte das ditas propriedades.

Ha sete annos era uma charneca, hoje é uma vinha com cerca de um milhão de baceiros.

Ha sete annos nem uma choupana de pastor havia ali, hoje ergue-se uma casa confortavel, por cima de um lagar e de uma adega onde se poderão guardar duas mil pipas de vinho. Mas que lagar e que adega! O vinho que ali se fabrica quasi se lhe não põem as mãos, quanto mais os pés.

Eu nunca entrei n'uma adega ou n'um lagar que não sabisse de lá nauseado; o que me fez sempre desconfiar da existencia de materias extranhas no fabrico do precioso licor.

De uma vez vi eu um lagareiro assoar-se muito naturalmente á mão para dentro do lagar!

— Oh homem que faz? accudi indignado.

— Não faz mal, senhor, isto em fervendo deita tudo fóra.

E assim discorria aquelle selvagem, continuando a pizar as uvas com os pés, elle que não era digno de lhe heber o suco.

O lagar da Abrunheira é um lagar modello. Ao longo de uma grande casa de abobadilha, corre de cada lado uma galeria de grades de ferro, e por baixo de cada galeria oito lagariças de pedra polida, tendo cada uma a sua torneira em communicação com a canalisação de cobre que leva o vinho aos toneis. Estas lagariças recebem a primeira esprema dos cachos feita no esmagador mechanico onde as uvas são trituradas. A massa passa então para um grande sincho que está n'um dos enormes tanques do meio da casa, e ali recebe a segunda esprema, sendo o summo encanado pelo mesmo systema das lagariças, para os toneis que estão na grande adega que corre por baixo de toda a edificação. D'este tanque tambem de pedra polida, é a massa removida para outro igual, que lhe fica ao lado e ali se faz a aguapé, observando se em todas estas operações o mais escrupuloso aceto.

A omnia de tudo isto dá um vinho excellente, mercê tambem das boas vides de que é producto, e o poder-se estar na adega ou no lagar, sem a menor repugnancia das narinas mais susceptiveis, e se o olfato não se offende, muito menos ao paladar repugna saborear aquelle precioso licor.

Eu que me conservo n'uma cautelosa abstenção de beber vinho, ali perco os receios e bebo á vontade sem que ainda me arrependesse de assim proceder. Pôde ser Bordeois, Borgonha ou Collares. O Commercio tem traficancias para o baptisar com qualquer d'estes nomes e para o estragar tambem.

Ha lá um vinho branco que fabricaram como experiencia, que é um nectar dos deuses. Eu nunca bebi vinho como aquelle e não sei de nenhum a que o possa comparar. É um vinho unico, delicado, transparente como um crystal e o mais fraco bebedor ficará imperturbavel depois de beber á sobremesa dois ou tres copos.

De uma vez que esteve ali o insigne poeta Bulhão Pato, tambem bebeu d'elle. A retirada, já o carro ia dando a volta do monte e a casa a perder-se de vista entre as montanhas, quando uma sombra de tristeza lhe toldou o espirito.

— Levo um remorso! disse.

— Um remorso! repetiu o conde admirado.

— Sim! levo o remorso de não ter bebido mais um copo d'aquelle vinho!

Eu se não trouxe remorsos é porque trouxe umas garrafinhas d'elle, mercê de generosa offerta do meu illustre amphytrião e amigo.

E eis-me de volta a Lisboa parecendo-me que venho do outro mundo, depois de cinco dias de montanha, onde vivi na feliz ignorancia de tudo que se passou na capital.

Não perdi nada com isso e os meus leitores tambem, porque fóra da politica e do concurso de agiotas que por ali enxameiam fazendo cerco ao thesouro, como no jogo do monte se faz cerco ao rei ou á dama, nada houve que despertasse interesse e que pertença aos dominios d'esta chronica.

Além de um larvado que assassina um praticante de pharmacia á Esperança, para lhe roubar uns miseraveis tostões e umas modestas camisas, isto é, além da ignorancia em acção associada com a maivadez e a miseria, só um acontecimento artistico interessou um tudo nada a capital; foi a exposição de moveis e obras de talha de Leandro Braga, talentoso escultor em madeira, que a morte ha pouco nos roubou.

Alguns amigos do malogrado artista pensaram em abrir uma exposição de obras do insigne escultor, e para isso organisaram uma comissão composta dos srs. Armando da Silva, D. Jose Pessanha, José Antonio Gaspar, José A. dos Reis Pin-

to, José Onofre, José Queiroz e Ramalho Ortigão.

Esta exposição tem dois fins: o de tornar bem conhecido do publico os trabalhos do insigne mestre, muitos dos quaes desseminalados por casas particulares, e o de angariar alguns haveres pelo producto das entradas, para a familia do finado, que só teve por herança o nome glorioso do seu chefe.

Em tres salas do palacio da Avenida, do sr. Marquez da Foz, que este titular bizarramente cedeu á comissão, é que esta reunião as obras que poudo alcançar por amavel cedencia dos seus possuidores, para serem expostas ali ao publico.

As salas do palacio da Avenida já de si são de vêr e em muitas d'ellas se podem vêr trabalhos de Leandro Braga, por isso era de esperar a concorrência dos amadores e a dos curiosos, que teriam occasião de admirar as obras do notavel escultor em madeira.

Mas Lisboa interessou-se pouco por esta exposição e o concurso tem sido diminuto, apesar de não se lhe oppôr nas visinhanças a concorrência das figuras de cera ou da mulher das barbas.

Estas exhibições sim, é que attraem o nosso publico, mas para coisa onde elle possa aprender, não o chamem.

E' triste.

Mais triste, porém, são as duas noticias que temos para fechar esta chronica.

A da trasladação dos restos mortaes do pintor e professor Silva Porto, para o jazigo, que uma comissão de amigos e admiradores do grande paizagista conseguiu eregir-lhe no Cemiterio Oriental.

Não nos deteremos n'esta noticia, porque o Occidente se occupa d'ella mais desenvolvidamente, n'outro lagar.

A da morte do illustre academico e professor da Escola Medica de Lisboa, dr. Thomaz de Carvalho.

Uma existencia que se apagou alfim, depois de ter, como a luz, bruxeadado muito tempo entre a vida e a morte.

Foi sempre um espirito vivaz n'um corpo franzino, mas em toda a parte onde apparecesse brilhava pela estatura moral, e pela graça e finura do seu espirito.

Pertencia a esta geração de valor que pouco a pouco tem ido desaparecendo. Elle era dos ultimos e dos pouquissimos que ainda restam.

Não lhe faremos aqui o necrologio; isso será abjecto de artigo especial, no proximo numero. Apenas registamos o acontecimento.

O seculo vai no fim e estes homens com elle se vão!

Resta-nos, porém, a esperanza de que as novas vergontees borbulhem e floresçam em opimos fructos; mas será legitima esta esperanza n'este acabamento de um seculo tão descrido?

Lyce.



AS NOSSAS GRAVURAS

CORONEL JOAQUIM JOSÉ MACHADO
GOVERNADOR DA INDIA

Na difficil situação em que o governo se encontrou para nomear um novo governador da India, depois dos acontecimentos graves que tem occorrido n'aquelle Estado, não podia encontrar solução mais satisfactoria, do que a nomeação do sr. coronel Joaquim José Machado, cuja capacidade e longa pratica dos negocios coloniaes maior garantia offerecem d'uma boa administração.

Nós felicitamos os nossos irmãos da India pela escolha que o governo fez, do illustre engenheiro para governador d'aquelle Estado, porque estamos seguros que o sr. Machado saberá remover a difficil e grave situação em que se encontra a India portugueza.

O sr. coronel Machado tem passado uma boa parte da sua vida no Ultramar, uns vinte annos, pois que desde 1876, em que foi nomeado director da primeira expedição de obras publicas para Moçambique, organizada por Andrade Corvo, então ministro da marinha, até o presente, tem sido sempre empregado em commissões no Ultramar, com pequenos descansos na metropole.

Tinha sahido das escholhas Polytechnica e do Exercito onde fizera um curso brilhante, obtendo as mais honrosas classificações.

Andrade Corvo, ministro da marinha, iniciava por esse tempo trabalhos para o desenvolvimento e progresso das colonias até então quasi completamente descuradas. Todas as aptidões que apparecessem capazes de o ajudar no seu patriótico proposito eram de aproveitar, e assim, avultando entre os engenheiros sahidos da escola, o sr. Joaquim José Machado, foi elle tambem um dos que o ministro logo aproveitou, para o encarregar da direcção da expedição de obras publicas que mandou para a provincia de Moçambique.

O sr. Machado, já capitão de engenharia, procedeu á escolha do pessoal que o devia acompanhar e aquisição do material necessario, sendo promovido, em virtude d'esta comissão, a maior sem prejuizo dos officiaes mais antigos da sua arma.

O desempenho d'esta comissão mereceu justos louvores do governador da provincia e do governo da metropole, como consta de varias portarias. São importantes os estudos do caminho de ferro de Lourenço Marques e da fronteira a Pretoria, estudos feitos á custa das maiores difficuldades que a boa vontade e talento do distincto engenheiro souberam vencer.

D'ahi lhe veio o prestigio que o nome do sr. Joaquim José Machado tem em toda a Africa Oriental e ainda mais entre os inglezes que respeitam e reconhecem os altos merecimentos do distincto engenheiro.

Em varias conferencias, na Sociedade de Geographia de Lisboa, mostrou o sr. Machado os vastos conhecimentos que tem das colonias e muito especialmente da Africa Oriental, e ainda nos lembra das sessões d'esta sociedade, de 6, 13 e 22 de Dezembro de 1880, em que elle fez importantes communicacões sobre o estado da provincia de Moçambique e do que convinha fazer para o seu engrandecimento futuro.

Corre impresso um opusculo, publicado pela Sociedade de Geographia: *O Caminho de ferro de Lourenço Marques. Parecer da comissão africana e informação apresentada pelo vogal da comissão Joaquim José Machado*, que é um documento honroso da capacidade do distincto engenheiro e mostra quanto o interessa o desenvolvimento e civilisação d'aquelle paiz.

Em 1880 foi encarregado de uma comissão em Bolama e depois encarregado de propôr reformas financeiras, nas provincias de Angola e de Moçambique.

Em 1886 foi nomeado inspector das obras publicas do Ultramar e encarregado da direcção da fiscalisação do caminho de ferro de Ambaca.

Exerceu por algum tempo o lagar de director do caminho de ferro de Lourenço Marques, e fez os estudos do caminho de ferro de Mossamedes. De todas estas commissões se desempenhou de forma superior a todo o elogio.

Mas não param aqui os seus serviços qual d'elles mais importantes e mais arduos, porque em 1890, foi encarregado da demarcação da fronteira portugueza entre Lourenço Marques e a Republica do Transvaal, como commissario do governo portuguez.

Foi ainda n'esse anno, que acontecimentos graves na provincia de Moçambique reclamavam um governador energico e conhecedor da provincia. N'estas circumstancias o governo escolheu o sr. Machado, lagar que desempenhou até 2 de julho de 1891 não sem lutar com grandes difficuldades que o desgostaram.

De regresso á metropole, outra comissão importante o esperava, qual a de governador dos territorios da Companhia de Moçambique, para que foi nomeado em 1892.

D'esta comissão regressou ha mezes a Lisboa, onde veio descansar de tão aturados trabalhos no Ultramar, mas o seu genio activo, não lhe permite grandes soetas, e por isso, sendo agora convidado pelo governo para aceitar o cargo de governador da India, o illustre official de engenharia, não se escusou a mais este serviço, por ventura assaz espinhoso nas actaes circumstancias, e vai partir dentro em breve a tomar conta do governo da India.

Que esta nova comissão seja coroada dos melhores resultados, é o que desejamos, para honra e gloria do illustre engenheiro e da patria portugueza.

A GUERRA GREGO-TURCA

A desastrosa aventura e imprudente guerra a que foi levada a Grecia, na tão celebre questão do Oriente, é hoje olhada quasi com escarneo. Depois de vencidos, o sarcasmo o insulto! A humanidade foi sempre assim. Irreflectida e falsa.

Bem sabemos que tristissimo foi o papel d'este pequeno paiz, que á sua audacia não correspon-

deu a valentia, que, aos primeiros revezes, os gregos fugiram desordenadamente e que, depois de subjugados pelo crescente, imploraram o auxilio de aquelles com que talvez contassem como certos n'outras circumstancias.

A Grecia cedeu, e muito mais rapidamente do que seria para esperar. Cruelmente desenganada das suas esperanças, e desiludida em todos os seus phantasticos projectos de ambição e gloria, vem-a agora abatida, humilhada.

E' lembrar as palavras de lord Salisbury, condemnando a relucencia da Grecia em attender aos conselhos das potencias: que o seu entusiasmo bellico foi como que uma convulsão nervosa para a qual o unico remedio é um collete de forcas.

Na verdade, o procedimento do exercito grego não permite elogios, porque não soube salvar o exito da ousadia. Embora todos os elementos e vantagens da victoria fossem a favor da Turquia, o exercito hellenico devia, ao menos, vender caras as vidas, offerecendo ao inimigo uma resistencia tão porfiada quão heroica.

A não ser a brigada do commando de Smolenski, todas as tropas cederam sempre o terreno com facilidade, e algumas retiradas houve bastante desairosas. Para os turcos, a guerra foi uma digressão militar transformada em marcha de triumpho.

Tremendas são as responsabilidades que devem cabir sobre o ministerio Delyanis, a não se mostrar bem um dia que uma força occulta, com enganadoras promessas, o arrastou para o abysmo.

O incidente mais notavel, em toda esta questão do Oriente, é o isolamento da Grecia, isolamento do Oriente, e o isolamento da Grecia, isolamento do Oriente, e o isolamento da Grecia, isolamento do Oriente.

E' incontestavel que a Russia e a Austria estão intimamente ligadas e que foram ellas que actuaram de commum accordo para que os governos de Bucharest, Belgrado, Sofia e Cettinge se conservassem alheios ao impulso revolucionario que partia da Grecia.

Com a victoria turca, não mudou a questão oriental, apenas os papeis se inverteram. A Grecia atirou-se loucamente á morte, a Turquia trata de explorar as vantagens obtidas. E todos lhe dão razão, porque tem o direito e a força por sua parte.

Encaremos a questão mais de alto. Apreciemos o papel do concerto europeu, porque elle e só elle tem culpa d'esta situação inevitavel.

Que diz elle agora? A Turquia, segreda-lhe que modere as suas condições, porque se alcançou o triumpho foi á custa do apoio moral d'elle, que circumstereve a area da lucta e paralysoou os auxiliares da Grecia.

As supplicas d'esta ultima responde demoradamente, mal procurando convencer a Turquia de que as exigencias são desconformes. Mas se o imperio ottomano não ceder por meios brandos qual será a attitudo do concerto europeu?

A esta interrogação o futuro responderá. O que é certo, e não soffre duvidas sequer, é que os estados europeus não podem consentir na mutilação do pequeno paiz christão que teve a audacia de citar o infiel.

Seria isso, como já o é, a adbidicação da dignidade religiosa e civilisadora.

O crescente não deve campear ovante pela Europa.

A influencia christã está submetida á mais dura prova, a vergonha e a ignominia andam iminentes pairando sobre ella.

A Europa assiste quasi indifferente ao esmagamento de um povo christão pelas hostes do propheta!

A lucta desigual entre gregos e turcos deu os resultados geralmente mais previstos. O exercito turco penetrou na Thessalia, e a primeira linha de defeza dos hellenos foi forçada pelos seus inimigos que occuparam Larissa no dia 25 de abril.

Esta praça, em virtude da sua situação, no meio de uma planicie, não podia continuar defendida pelos gregos.

A retirada d'estes ultimos sobre a linha de Pharsalia, foi, diz se, bem effectuada e n'esta segunda linha de defeza encontraram-se uns 40:000 homens.

As forças gregas chegaram ahí em tres columnas e tomaram logo as suas posições.

Foi em seguida á batalha de Mati, que os turcos puderam definitivamente ser senhores da Thessalia oriental.

O desfiladeiro de Boughazi foi desesperadamente defendido. O flanco esquerdo pareceu o de mais fraca resistencia, por isso o commandan-

te turco lançou-lhe contra um batalhão de infantaria dividido em atiradores. Travou-se vivo combate. Meia hora depois a fila dos atiradores era forçada, o fogo augmentava de ambos os lados, e a artilheria continuava a representar um papel importante no ataque.

Novos batalhões turcos foram enviados contra os gregos, porém estes, tendo soffrido enormes perdas no flanco esquerdo, renunciaram a resistencia, abandonando as suas posições e effectuando a retirada em muito boa ordem, ao que se diz.

Os turcos apenas soffreram ligeiras perdas. Toda a Europa se admirou d'esta retirada porque a posição era segura e podia muito bem ser defendida contra um numero de tropas superiores.

E' essa defeza, de certo modo notavel, que a nossa estampa de paginas 124 representa.

A occupação de Pharsalia e a de Volo, a de Pharsalia em seguida a uma victoria obtida sobre a parte principal do exercito grego e a de Volo em consequencia da retirada, effectuada por ordem superior, da divisão Smolenski, que até ali resistira com uma coragem e valentia bem dignas de muito melhor sorte, taes são os dois factos principaes dos acontecimentos da ultima phase da guerra turco-grega, e que bem se pode dizer ter sido a derradeira.

Foi em 8 de maio que o coronel Enver-Pacha, á frente de dez batalhões ottomanos, occupou a cidade e suas cercanias. Edhem-Pacha declarou aos consules de França e Inglaterra que se tinham dirigido a elle, que respeitaria os habitantes e as propriedades, se da sua parte a frota hellenica se compromettesse a não tentar coisa alguma contra as tropas turcas, e se affastassem do porto para fóra da linha de fogo.

Como se sabe, o almirante grego Stamelli teve que aceitar estas propostas.

Outra das nossas gravuras representa a fuga das populações gregas á approximação dos turcos.

As caravanas, percorrendo o caminho de Pharsalia a Demokho, apresentavam um aspecto singularmente pittoresco.

Por uma carta de M. Guillard, illustre correspondente da *Illustration*, no theatro da guerra, e tambem d'uma photographia tirada por elle, se fez esta nossa estampa. Da sua carta, em que descreve a jornada de Athenas a Pharsalia, podemos tirar uns periodos bastante elucidativos, que muito bem acompanharão a alludida gravura.

«A estrada sobe diz mr. Pierre Guillard, em data de 1 de maio, ao fim de alguns kilometros, encontro os aldeãos da Thessalia que fugiram na semana passada de Tournados e de Larissa, e que proseguem na sua fuga desordenada, sem mesmo saberem para onde.

Amontoaram em vehiculos semi-barbaros, de grandes rodas sem raios, em forma de broqueis, todos os seus haveres e objectos que encontraram mais á mão: são os berços dos filhinhos, os colchões, os caldeirões negros de ferrugem, as caçarolas luzentes de ferro estanhado. As mulheres e as creanças vão deitadas sobre as bagagens. Nos quatro angulos dos carros elevam-se os fueiros, nos quaes durante o dia se penduram os sapatos, especie de sóccos, do conductor do vehiculo, e que de noite servem para sobre ellas se estenderem algumas coberturas, formando uma barraca primitiva.

E' o exodo da vida nomada; á noite, pára se junto das fontes ou dos riachos, e as pessoas da mesma aldeia reúnem-se em volta do mesmo acampamento. O *Papas*, muitas vezes, dirige a columna, está embrulhado n'uma farta capa negra, e se não fóra o alto *Kalmoski* de feltro que lhe dá um aspecto sacerdotal, facilmente se confundiria com os camponeses que acompanha.

Em todas as physionomias ha um caracter commum de espanto que torna semelhantes a crispção de angustia e o sorriso de estupidez, parece que a caminhada e a desordem continuarão sempre: as mulheres trazem na mão, durante leguas e leguas, algumas gotas d'agua em cantaros de ferro; outras precedem os vehiculos vestidas com fatos domingueiros, os corpetes de velludo bordados com arminho e os aventaes escarlates com bordaduras de fios metallicos, com os pés cançados vão levantando a espessa poeira dos caminhos alargados pela passagem das hordas em fuga e abrigam-se machinalmente do calor debaixo dos chapéus de mal em algodão que conseguiram salvar do desastre.

No Khani de Pournari, perto de Demokho, uma caravana de fugitivos fez alto; os bufalos, os cavallos, as mulas e os burros enchem a estrada; as mulheres estão empoleiradas no alto dos montões dos saccoes e coberturas, os animaes de criação, tambem cançados, permanecem estirados á som-

bra das bestas de carga. Photographo alguns d'estes grupos».

Ficam assim registrados os principaes acontecimentos da presente phase da questão do Oriente. A guerra grega-turca fica consignada como uma d'aquellas guerras deprimentes que, no final do seculo XIX, a Europa produziu e presenciou para sua propria vergonha.

HOMENAGEM A SILVA PORTO

Algum tempo depois do fallecimento d'este insigne artista, os seus amigos e admiradores reuniram-se e decidiram prestar-lhe uma homenagem duradoura, para a realização, da qual resolveram angariar, por subscrição meos para lhe erigir um jazigo, e ao mesmo tempo organizar uma exposição das obras de Silva Porto, cujo producto das entradas devia reverter para o mesmo fim.

Desempenhou-se a illustre commissão, de que é presidente o sr. José Simões d'Almeida Junior, cabalmente do proposito que se impoz, promovendo e realisando a exposição que tao admirada foi, pois se juntaram perto de 300 quadros e estudos de Silva Porto: e depois mandando erigir o mausoléu, para o qual foi feita agora a trasladação.

Assim a seu convite reuniram-se no dia 1 de junho pelas 4 e meia horas da tarde, no cemiterio oriental, grande numero de artistas, alguns escriptores e diversos parentes e admiradores do glorioso pintor, para assistirem á trasladação.

Depois do acto religioso na capella do cemiterio, foi conduzido o feretro, sob a direcção do sr. D. José Pessanha e revezando se ás borlas do caixão diversos turnos de convidados; chegados ao jazigo e antes de ser dado á sepultura depozeram-se as corças de S. S. M. M., do gremio Artístico, e da familia do finado sobre o caixão e base do mausoléu, e, em seguida os srs. D. José Pessanha em nome do Gremio Artístico; Adães Bermudes em nome dos artistas portuguezes e Campos pelos estudantes da Academia de Belas Artes, pronunciaram eloquentes e commovedoras aluções de saudade e glorificação ao emminente pintor portuguez, que com o seu exemplo e conselho tanto influíu, para o progresso da arte nacional.

O jazigo foi deliniado pelo sr. José Alexandre Soares, actual pensionista d'architectura em Paris; está collocado ao centro d'uma das ruas do cemiterio e impressiona pelo caracter e harmonico do conjuncto; todo de pedra lioz é formado por um obelisco sobre um plintho assente n'uma sapata da mesma pedra: n'uma das faces do obelisco está esculpido, segundo modelo do sr. Simões d'Almeida, em baixo relevo alguns attributos de pintura, como pallêta e pinceis, entrelaçados por uma palma e ramo de louro tudo pendente d'uma fita; por baixo em caracteres de bronze tem a seguinte dedicatória: *A Silva Porto os seus admiradores*.

Fronteiro a este jazigo, no começo da rua está o mausoléu de Thomaz José d'Annuniação igualmente erigido por subscrição e ainda perto d'este ultimo, repousa João Christino da Silva; o acaso por coincidência reunio no mesmo campo santo e bastante proximos as cinzas de tres illustres professores de paysagem da Academia de Bellas Artes de Lisboa.

Para complemento da homenagem prestada á memoria de Silva Porto, reunio n'aquella noute o Gremio Artístico em sessão solemne, sob a presidencia do sr. José Nunes Junior e ahí o sr. D. José Pessanha fazendo levantado elogio, á memoria do illustre artista, concluiu fazendo votos, para que no Museu Nacional de Bellas Artes, possa vir a figurar algum dos seus excellentes quadros, pois infelizmente não ha ali tella alguma que o represente.

O sr. Carlos Reis leu um discurso, em que realçou quanto o ensino de Silva Porto influíu para o desenvolvimento da nossa pintura moderna.

Na sala onde teve lugar a sessão figurava o retrato de Silva Porto, pintado pelo sr. Luciano Freire, tendo por baixo da moldura a pallêta e pinceis que pertenceram ao extinto artista, ornados de flores naturaes.

Terminaram assim as homenagens devidas ao talento do eximio auctor da *Charneca de Bellas*, *Salmeja*, *Campinos*, *Volta do Mercado* *Conduzindo*

o rebanho, e tantos outros bellos quadros; tendo a comissão escolhido aquelle dia para esta homenagem por ser o 4.º anniversario do fallecimento do eminente artista.

J. R. C.

SONHO D'UM CRITICO

FANTASIA ALLEMÃ

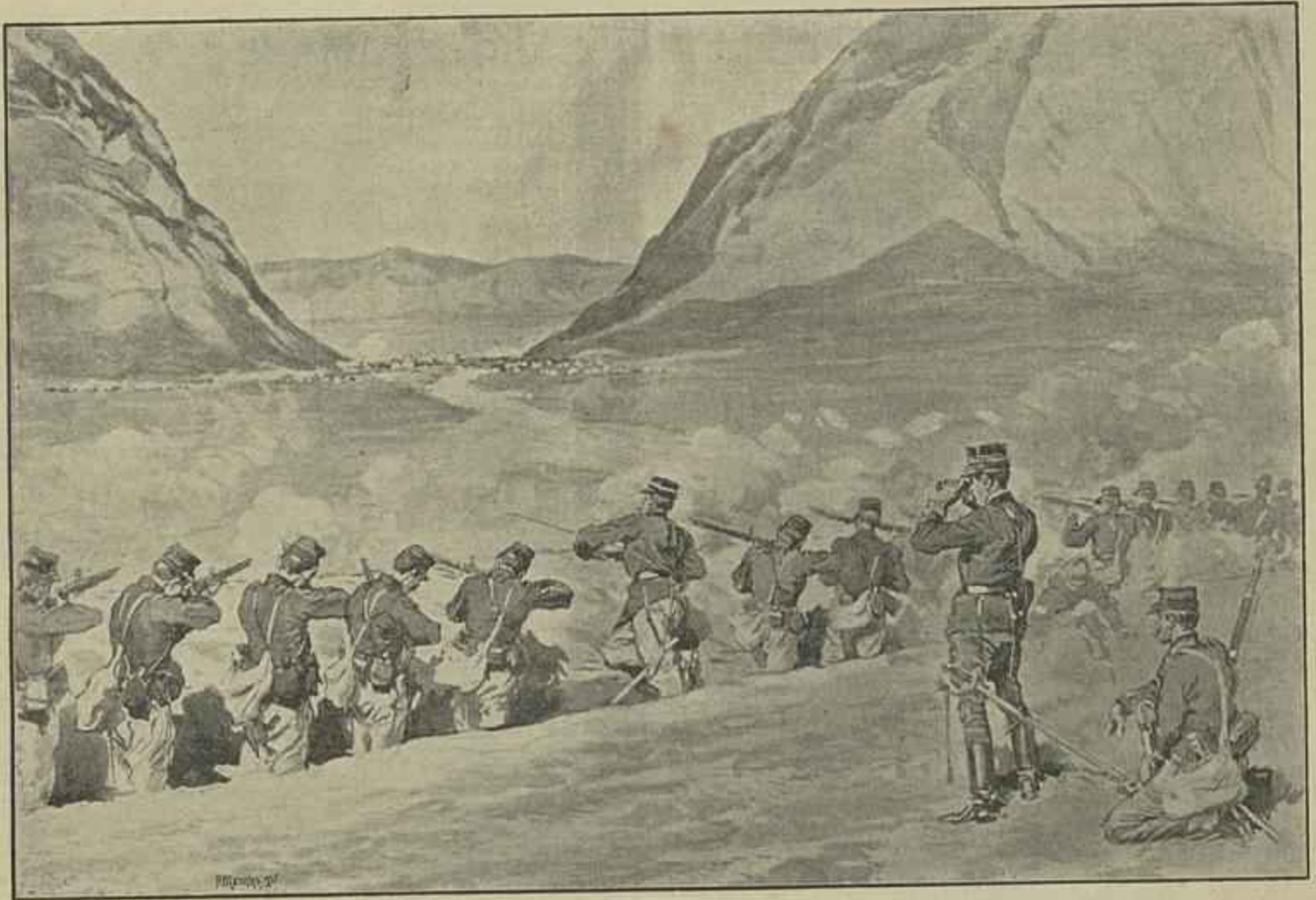
Uma noite, já muito depois de encerrada a Exposição, regressava, enfim, a sua casa o Dr. Vinagre. Vinha descontente a mais não poder ser com tudo quanto vira e formulava, ácerca de toda aquella *Arte*, juizos da mais anormal severidade.

rem, d'elle se approximavam, vociferando contra o mofo crítico mil imprecacões e ameaças, eis que este, horrorisado, reconhece serem apenas outras tantas figuras d'esses quadros, que elle, n'aquella mesma noite, antes de adormecer, com um golpe da penna implacavel totalmente aniquillára. Cresce sobre elle, destacando-se do grúgo, uma formosissima Maria Stuart, que elle condemnára, pronunciando que era absolutamente destituida de régia magestade, e, ameaçadora, ergue no espaço os braços ambos. Apoz a infeliz rainha, vem Julio Cesar, assassinado, e que elle comparára a um titere que cabira, por se ter desenhado do cordel ou se lhe haverem partido os engonços; arranca da propria ferida o punhal, e, brandindo-o no ar, ameaça ferir com elle o seu detractor. Por entre as ruinas da capella d'um antigo castello feudal, desfila extensa procissão

bulhada; alfaias, armas e utensilios *anachronicos*, — tudo, emfim, quanto o malaventurado sonhador havia es-acellado ou zurzido em suas criticas, assumindo agora alma e vida, surgia ameaçador perante elle, e o desventurado, alagado em suor, arfando e gemendo estrebuchava e virava-se para o outro lado, afim de evitar o espectáculo de tão medonha turbamulta!

Baldado esforço; d'este modo, os transe eram ainda mais horriveis: — na sua frente, a perder de vista, abria-se a immensidade do espaço. Duzias e duzias de artistas, esculptores, pintores, todos ainda no verdor dos annos, arvorando cada um d'elles na dextra um exemplar da sua aleivosa e acerba critica, soltavam imprecacões e precipitavam-se de cabeça para baixo em abysmos sem fundo ou em caudalosas torrentes; pendiam alguns, enforcados, das traves do tecto em sordidas

A GUERRA GREGO-TURCA



O COMBATE DO DESFILADEIRO DE BOUGARI

O seu primeiro impulso foi sentar-se á secretaria, e ali, de cabeça baixa, trabalhou sem interrupção mais de tres horas. Sentenças de morte, condemnações sem appello nem aggravamento já folhas e folhas de papel, até que por fim, o acido aristarcho, cedendo ao cançasso, resolve-se a abandonar o campo de batalha; emborça, á pressa, duas chavenas de chá bem quente, cortadas com um golpesinho de genébra, e enfia por vale de lençoes.

D'ahi a nada ressonava, em dois tons, — tal qual um dueto de rabeção e de trombone — e, lá por noite velha, teve um sonho.

Via uma tela immensa, uma tela em branco de tamanho desconforme, suspensa no espaço qual panno de bócca d'um theatro gigantesco; e eis que, de subito, com estrepito de ensurdecer no qual vem fundir-se os sons mais extravagantes e discordes, surge no espaço, e entra a rodopiar como que em torvelinho interminavel um mundo inteiro de vultos ameaçadores, todos á uma clamando vingança, e cujo aspecto iracundo, tremendo, o gelam de espanto e terror. Quando, po-

de espectros, por elle descriptos qual enfarinhada malta de moços de moleiro; crescem para elle, estendendo os braços, com um ranger discorde de ossos descarnados, e, fitando-o todos á uma, despedem das orbitas vasias clarão fosforescente.

Nymphas aquaticas, graciosas ondinas e naya-des, seres diaphanos, ephémeros, incorpóreos, ácerca dos quaes pronunciára o critico que o melhor que podia succeder ao pintor que imaginára tão ridiculas creaturas seria que taes monstrosinhos mergulhassem de todo e, para seu credito, se submergissem d'uma vez para sempre; agora porém, deslizando pelas aguas d'uma formosa catadupa que do alto de adusto e aspero rochedo se despenhava com fragor, entoavam um córo de menades. Numerosa chusma de *aleijados* tyroleses, de *desastradas* andaluzas, de creanças, de mendigos, de camponezes, de sicarios, de guerreiros e bailadeiras indianas — n'uma palavra, caterva magna, interminavel, soltando gritos de furor e ameaça, vinha tornar mais confuso ainda o aspecto da enorme tela: Feras, manadas de gado, animais domesticos, tudo de cam-

trapeiras, e, fitando no afflicto critico, olhar esgaçado, brandiam no ar, indicando-lh'o com gesto de suprema agonia, o seu artigo do jornal. Mães, a cujos filhos estremecidos o nosso azedo personagem atropiára a carreira, cortando-lhes prematuramente os vãos, vagueavam ao acaso, debulhadas em pranto. Noivas de pintores juvenis, que haviam posto o melhor de sua esperanza futura no resultado da actual exposição, em paroxysmos de angustia rasgavam em pedaços os seus véus de noivado e torcendo-os, faziam cordas para com ellas enforcarem o implacavel censor. Depois, um exercito de crentes para os quaes o preço dos difamados quadros representava a justa compensação de seus tão assíduos e arduos trabalhos, vinham collocar em frente dos olhos do febril plumitivo contas por saldar, letras protestadas, que subiam a quantias fabulosas, e, com ruido atroador, clamavam: «Paga, paga miseravel!»

Com um grito agudo, estridente, saltou da cama abaixo o atormentado escrevinhador, accendeu á pressa o candeeiro e, d'um pulo, foi sentar-se á secretaria.

E a penna corria, corria por cima do papel com indissolúvel presteza, distribuindo louvor, louvor, louvor e mais louvor, — palmas e corôas de loiro a torto e a direito. De vez em quando, porém, parava um instante, cortava com a thesoura, aqui e acolá, um ou outro trecho à sua critica da vespera, substitua os termos «detestavel, horroroso, indigesto», por vocabulos taes como «optimo, lindissimo, adoravel» — collava estes dizêres sobre a sua extensa verrina e, não contente com isso, punha se a redigir nova apreciação, fazendo deslizar, com mão febril, a penna sobre o papel — enquanto teve papel. Em seguida, respirou longamente, dirigiu-se outra vez para o leito, deixou cahir a cabeça sobre o travesseiro e, com profundo suspiro, exclamou: Assim, ao menos, sempre conseguirei socegar.

Mal tinha, porém, fechado os olhos, na doce

Vinagre, e estes, revistavam as algibeiras, azafrados à procura de dinheiro.

Um d'elles, com ironica gargalhada, saccava do bolso de um *paletot* tres botões arrancados; outro exhibia pontas de charuto; o terceiro, a chave do trinco, que no extremo da cadeia de *pechisbeque* substitua o relógio, e o quarto escancarava-lhe o *porte-monnaie*, n'um escaninho do qual se entreviam uns cobres, esquecidos, e seis cautellas de penhores.

N'este comenos experimenta o desventurado a desagradavel sensação de rijo pontapé, e ouve a voz de trovão do seu redactor gritar-lhe: «Fóra! Fóra!»

Tornou a virar-se para o outro lado, esperando encontrar allivio. Baldada esperança! Novo supplicio, mais atroz, talvez, que os outros todos, o aguardava. Um batalhão de vendedores

virulentos d'este atroz Vinagre vieram arrancarnos os loiros consagrados pelo respeito e a admiração de tantas gerações, estamos postos de parte, desdenhados, desprezados até; os nossos quadros, os nossos frescos monumentaes são votados ao esquecimento, ao ostracismo, e nós ridicularizados, apodados de borradores!

— Rubens, um borrador! não posso mais! bradou o atormentado censor, e erguendo para o ceu as mãos postas, formulou a seguinte prece:

— Deus Omnipotente! acode-me! ajuda-me!

Ouviu-se uma voz suave, melodiosa, vinda das nuvens:

— Que queres que se lhe faça? Assim o quizesse, assim o tenhas!

— Mas que hei de eu então escrever?

Lá do alto, em som terrivel, dir-se-hia a trombeta do Juizo Final, uma voz respondeu:

A GUERRA GREGO-TURCA



AS POPULAÇÕES DE PHARSALIA FUGINDO À APPROXIMAÇÃO DOS TURCOS

expectativa de ver-se rodeado pelos vultos amigáveis de pintores e *pintoras*, radiantes de alegria, elles a fazerem-lhe festinhas e zumbaias, ellas vindo depor-lhe sobre os labios o osculo da gratidão, eis que dá com os olhos n'um quadro de véras tremebundo: — Verdadeira phalange de inglezes, de americanos —, um exercito de *misses*, de *mademoiselles*, de signorinas, de *jung-fraus* avança sobre elle em pé de guerra, os olhos como punhaes, todos brandindo na destra guias Murray, Joanne ou Baedecker. «Tu, bradavam, com os embustes da tua critica seduziste-nos a empreender a dispendiosissima travessia do Oceano, a não menos dispendiosa jornada do expresso oriental, e tudo quanto nos descrevias com côres maravilhosas, é equivalente a zero! — Exigimos ser endemissados! — vaes reembolsar-nos das despesas todas!» E entraram a tirar das algibeiras, das malas e saccoes de mão rimas de contas de hotel, montões de bilhetes do caminho de ferro e do paquete.

N'este comenos, mão de espirito invisivel distribuirá pelos viajantes a guarda-roupa do misero

de quadros, de punho cerrado, e os olhos expellido faisca, clamavam: «Por tua causa, biltre! estragador de papel almasso! fallimos; esperanos a bancarrota! Cahimos na esparrela, adquirimos por sommas fabulosas esses quadros — verdadeiros monos — aos quaes tu tecias gongoricos e monstruosos elogios, mas, por mais que nos matemos, nem um unico encontra comprador!»

E uma chuva de contas, de recibos, uma alluviação de documentos de divida, cahindo em onda enorme, ameaçava submergir o desgraçado; e este, atonito, e no auge do desespero, tentou virar-se para o lado opposto. D'esta vez, porém, o espectáculo não se lhe antolhou menos pungente: Rubens, Raphael, Alberto Durer, Teniers, e quantos mais, verdadeira legião, em summa, de grandes mestres da Arte, uns após outros, caminhavam com ar lugubre, e assim que davam de rosto com a maldadado critico, rebentavam n'um choro capaz de partir o coração a uma estatua.

— «Ai de nós!» bradavam, miseros e mesquinhos, eramos até hoje tidos com genios, como heroes; e agora, desde que as verrinas, os ataques

— A verdade!
Vinda, porém, das profundas, outra voz medonha, maligna, satanica, em seguida proferiu:
— Coisa nenhuma!

Pin-Sel.

A Covilhã e a Industria dos Lanifícios

III

(Continuado do n.º antecedente)

Esta fabrica de Mello & Giraldes achava-se por então ligada a dos srs. Campos Mello & Junior, da qual nos vamos occupar, porque os socios Mellos tinham interesses em ambas as fabricas, e a casa commercial Campos Mello & Irmão, era a unica exportadora dos productos de ambas. A fundação d'esta fabrica, em 1836, deve-se a José da Silva Campos e Mello, socio principal.

POESIAS LYRICAS

Originalmente escriptas em castelhano por D. Antonia Diaz de Lamarque
e traducidas agora em italiano por Prospero Peragallo

EPITAFIO PARA EL SEPULCRO
DE MI QUEBIDA PRIMA M. D. F.

¡ Madre del corazón! cese tu llanto,
Mitiguense tus quejas de amargura;
Mi espíritu dejó la tierra impura,
Y abrázase de amor en fuego santo.

Pobre, falaz, del mundo es el encanto;
Verdadera, cruel su desventura...
Feliz el alma que tranquila y pura
El valle deja de letal quebranto.

¡ Y aun prosternada ante mi losa fría
Gimes, y treguas, por tu mal, no alcanza
La horrible pena que te hiere impía?

Sube en alas de cédica esperanza;
Sube, y me encontrarás, ¡oh madre mía!
En la mansión de eterna bienandanza.

D. Antonia Diaz de Lamarque.

JUVENTUD DEL ALMA

Implacable, mis años me recuerdas,
Qual si de algún delito me acusaras;
Y yo de tus castados sentimientos
Jamás te hablé palabra.

En tu semblante juvenil aún vese
La placida frescura de la infancia...
Yo soy más venturosa; yo conservo
La juventud del alma.

D. Antonia Diaz de Lamarque.

EN UN ALBUM

Es bella: mis ojos un placido instante
Dichosos miraron su grata hermosura.
¡ Es bella! repite mi pecho anhelante;
El Cielo la colme de paz y ventura.

Al alma que es noble jamás la belleza
Que todos aplauden envidia le inspira;
En ella contempla de Dios la grandeza,
Y goza si sabe que el mundo la admira.

Salúdente, hermosa, las auras suaves,
Sus gratos aromas te presten las flores,
Sus cantos sonoros las plácidas aves,
Ensueños dorados los castos amores.

Y dichas y encantos ofrézcate el mundo,
Risueña esperanza por siempre te siga,
Jamás te amenace pesar iracundo,
Y Dios tu existencia piadoso bendiga.

D. Antonia Diaz de Lamarque.

FIGIMIENTO

Risueña ante mis ojos apareces,
Quizás por ocultarme tu quebranto;
Mas yo sé que la risa muchas veces
Es máscara del llanto.

D. Antonia Diaz de Lamarque.

EPITAFIO PER SEPULCRO
DI M. D. F.

O dolce madre mia! tergi il tuo pianto,
Calminsi i lagni della tua pressura;
Il mio spirito lasciò la terra impura,
E or arde in fuoco d'un amore santo.

Del mondo è vano e povero l'incanto;
Vera solo, e crudel la sua natura...
Felice è l'anima che tranquilla e pura
Lasciò la terra che l'afflisse tanto.

E, prona sul mio avello, tuttavia
Gemi, ne ti dà tregua la doglianza
Che il materno tuo cor così feria?

Vola sull' ali della pia speranza;
Vola, e mi incontrerai, o madre mia,
Là dove il gaudio eterno ha la sua stanza.

Tradotto da Prospero Peragallo

GIOVENTÙ DELL'ALMA

Tanto insisti sull'età mia provetta,
Come se d'un delitto mi accusassi;
Io dell' indole tua corrotta e abietta
Non mai ti feci motto.

Tuttor nel giovanil tuo volto osservo
La placida freschezza dell' infanzia...
Più felice son io, perchè conservo
La gioventù dell' alma.

Tradotto da Prospero Peragallo

IN UN ALBO

È bella! i miei sguardi—in rapido istante
Fissaron felici — la sua leggiadria.
È bella! ripeto — col petto esultante;
È pace e ventura — il Cielo le dia.

Ad alma gentile — giammai la bellezza
Da ognuno applaudita — invidia le inspira;
In essa contempla — di Dio la grandeza,
E gode sapendo — che il mondo la ammira.

Te un aura soave, — o bella, diletta,
I lor grati aromi — ti imprestino i fiori,
I canti lor dolci — i vaghi auge letti,
E sogni dorati — i tuoi casti amori.

E bene e delizie — ti si offran dal mondo,
Risidente speranza — allegri il tuo core,
Non mai ti contristi — dolore profondo,
E ognor la tua vita — protegga il Signore.

Tradotto da Prospero Peragallo

APPARENZA

Ti mostri a me sempre gioviale in viso,
Forse mi celi un duol che il cor ti ha affranto;
Ma so ben io che spesse volte il riso
È maschera del pianto.

Tradotto da Prospero Peragallo

A fabrica dividia-se em duas partes, uma na frezia de S. Joao, outra da Conceição, dizendo esta ultima respeito ao fabrico propriamente dito, e a outra a apisoamento, tinturaria e ultimações.

A fabrica antecedente e a de que vamos fallando produziam todos os generos de manufacturas, sendo d'esta os artefactos mais baixos, proprios para consumo do povo, e a de Mello & Giraldes fazia os superiores, de forma que na casa commercial de Campos Mello & Irmão se encontrava um sortimento completo e variado de artefactos em todos os generos dos que se fabricavam na Covilhã.

O motor hydraulico procedia das ribeiras da Carpinteira e Degoldra.
O consumo annual de productos para a sua laboração era de 100:000 kilos de lã hespanhola e portugueza das provincias do Alemtejo, Extremadura e Beira; de 80:000 kilos de drogas para tinturarias, como anil de Guatemala, cochonilha, paus amarello, campeche, sandalo, fustete e outros do Brazil e mais pontos da America, acetatos, chromatos, alcalis e outros preparados de França e Inglaterra, acidos sulphurico, muriatico e outros portuguezes, francezes e inglezes, sul, favellos, pastel, sumagre e varias drogas portuguezas. Tingia annualmente 60:000 kilogrammas de lã em rama e fiado e 360:000 metros de fazendas tecidas.

As machinas que empregava para o fabrico eram as seguintes:

1 lobo ou carduca, francez, 1 carduca hespanhola, 2 cardas emburradoras, belgas, 1 carda de apparato, belga, 1 carda de apparato, franceza, 1 fição de 270 fusos, belga, 1 fição de 300 fusos, franceza, 6 urdideiras, 6 teares à Jacquart, francezes, 44 teares para tecidos lisos ou entrançados, 4 pisões, 3 perchas, inglezas, 1 percha de dois tambores, belga, 7 caldeiras de tinturaria, 1 dita de vapor para lustrar, portugueza, 1 machina de enrolar para lustro (feita na fabrica Perseverança, de Lisboa), portugueza, 12 ramolas de enxugar, 2 tesouras longitudinaes, inglezas, 1 tesoura transversal, ingleza, 2 tesouras transversaes, belgas, 3 prensas.

Empregava 100 homens, 30 mulheres e 30 menores.

Os artefactos que esta fabrica produzia e os que comprava aos diferentes fabricantes (tecelões que trabalhavam em suas casas) e mandava tingir e ultimar nas suas officinas subiam a não menos de oitenta qualidades, sendo mais importantes as seguintes:

Pannos azul, preto, castanho e verde; escaletas para saiotos e reposteiros; verde salsa para mesas e bilhares; mesclados, xadrezes, e de phantasia; castores pretos e de cores; briches; crepes azues, castanho, verde e escalete; castorinas de xadrez variadas em cores; baetas de xadrez azul, castanho, verde, escalete, cor de pombo, magenta, brancas, etc.; baetas lisas de pello lustradas, de cor de castanha, verde, azul e escalete; baetas lisas sem pello, cor de castanha, verde, azul e cor de laranja; baetas de toda a marca lisas, verde e azul; borlinas (desenfestadas) pretas e de cores; chales.

Em 1888, o motor d'esta fabrica era mixto, como quasi todos os das outras, valendo o motor hydraulico por 50 cavallos, e o de vapor alcançando a 80.

Nas suas salas, tinha 92 teares manuaes, 40 mechanicos, n'um total de 3:300 fusos sete cardas e todos os apperhos accessorios correspondentes ao valor da sua fabricação. O pessoal era de 530 individuos, 320 homens, 160 mulheres e 50 rapazes.

As materias primas recebiam-as do Rio da Prata e de outras nações principaes da Europa.

O capital subia a 500 contos, orçando as vendas a um valor annual de trezentos contos.

Os principaes productos n'este anno de 1888, foram: casimiras de verão e inverno, castorinas, chales, crepes, pannos pretos e de cores, etc.

Em 1890, a fabrica de Campos Mello & Irmão contava as seguintes machinas especiaes e apperhos:

2 lavadouros, 1 hydro-extractor, 2 enxugadouros, 1 esfarrapadeira, 1 variadeira, 2 escolhedeiros, 2 lobos, 5 sortidos de cardas, fições; 10 apperhos e 3:000 fusos; retorcedeiras; 4 apperhos e 200 fusos; 10 urdideiras; 3 grudadouros; 5 caneleiras; 30 teares mechanicos; 50 teares manuaes; 50 teares manuaes systema Jacquard; 6 lavadeiras; 5 pisões (cylindricos e de masseira); 6 perchas; 8 dornas e caldeiras; 17 ramolas mechanicas e 30 ar livre; 4 tesouras longitudinaes; 2 avelludadeiras; 4 escovadeiras; 2 lustradeiras; 5 prensas (continuas, hydraulicas e de parafusos); 1 fogão de prensa; 2 macacos de força; 3 apperhos de remontar cardas; 5 esmeriladores; 7 tornos mechanicos.

Por estas indicações, se vê possuir a fabrica a que nos vamos referindo um variado machinismo, sendo mesmo aquella que o tem mais valioso e importante.

No anno de 1886, a produção foi de 350:000 metros de tecidos de lã, no valor de 248:750\$000 réis.

As materias primas empregadas, n'esse mesmo anno, foram na importancia total de 160:000\$000 réis, sendo em lã 200:000 kilos, seda em fio, 200 kilos, azeite 15:000 litros, petrolar 6:000 litros, oleina, 10:000 kilos.

Em 1893, data a que alcançamos os dados de que dispomos, a produção da fabrica Campos Mello & C.ª, era a seguinte, na sua parte mais importante, annualmente:

20:000 metros de casimira de verão; 50:000 de casimira de casimira de inverno; 2:000 de casimira de duas faces; 5:000 de melton de inverno; 30:000 metros de cheviotes de inverno; 20:000 de castorinas; 20:000 de vestidos para senhoras.

A fabrica que na Covilhã tem o segundo lugar em importancia é a de José Mendes Veiga, cuja fundação data de 1784, pertencendo portanto ao periodo fecundo do renascimento das nossas industrias fomentado pelo marquez de Pombal.

D'esta fabrica dependem mais tres que lhe estão annexas, situadas no Refugio, Pero de

Mouro e Unhaes da Serra, a 2, 20, e 25 kilometros da Govilhã. Estas fabricas pertencem hoje aos condes do Ruffugio.

Em 1888, o numero dos seus operarios subia a 312, entre os quaes 195 mulheres e menores, vendendo salarios; os homens entre 240 e 600 réis diarios, as mulheres de 120 a 240 réis, os menores de 80 a 160 réis.

O seu motor era mixto: hydraulico e vapor, 7 rodas e tres machinas; as primeiras representam 35 cavallos, as segundas 100.

Possuia 100 teares mechanicos e 85 mecanismos eapparehos diversos. O capital era de réis 400:000:000, metade fixo, metade circulante, sendo a produçao annual muito variavel.

Consultando o inquerito de 1890, vemos que as fabricas sob esta firma possuiam um pessoal no total de 20 mestres, 848 operarios e aprendizes.

O capital fixo e o circulante eram os seguintes nas fabricas da firma:

Unhaes da Serra, capital fixo 20:000:000; e circulante 15:000:000.

Ruffugio, fixo 7:000:000; circulante 3:000:000.

Ribeira da Degoldra, fixo 200:000:000; circulante 250:000:000.

Paul, Peseo, fixo 18:000:000; circulante réis 13:500:000.

Quanto a machinismo, o mappa do inquerito 1890, dá-nos a seguinte resenha para as quatro fabricas da firma:

Enxugadores 1; variadeiras 4; escolheadeiras 6; lobos 5; sortidos de cardas 10; fusos de fiação 4:10; fusos de retorcedoras 56; urdideiras 8; grudadores; caneliras 6; teares mechanicos 5; teares mechanicos systema Jacquart 4; teares manuaes 36; lavadeiras 4; pisões 4; perchas 6; dornas ou caldeiras 6; ramolas 9; tesouras longitudinaes; avelludadeiras 2; escovadeiras 1; entadeiras 1; prensas 3; fogão de prensa 1; mactacos de força 1; aparelhos de remontar carilas 1; esmeriladores 5; tornos mechanicos 6.

A produçao, em 1889, foi n'um total de metros 173:000, no valor de 179.602:000 réis, para as quatro fabricas.

(Continua)

Estevés Pereira.

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

(VEPSÃO)

III

(Continuado do n.º 663)

Sai do Panamá, a bordo de uma fragata, na companhia de meu amo Juan de Urquiza, com destino ao porto de Paíta, onde o esperava um importante carregamento.

Nas alturas de Manta, assaltou-nos uma tão violenta tempestade que nos fez dar á costa. Os que sabiam nadar, como eu, meu amo, e alguns outros, alcançaram a terra; mas a restante tripulação pereceu toda.

No porto de Manta, embarcámos n'um galeão rei, o que nos custou algum dinheiro, e largámos immediatamente para Paíta, aonde emfim chegámos.

N'este porto, Juan de Urquiza encontrou, como previra, todas as suas mercadorias a bordo de um navio do capitão Alonso Cerrato, as quaes me incumbiu de descarregar, segundo os numeros de ordem, e de lh'as remetter á proporção que se descarregassem.

Entreguei-me logo aos trabalhos da descarga, e comecei enviando as mercadorias, pouco a pouco, para Saña, terra onde se encontrava meu amo, a fim de as receber. A referida cidade de Saña dista umas sessenta leguas de Paíta.

Acompanhando as ultimas remessas, sai de Paíta e dirigi-me a Saña. A' chegada, meu patrão recebeu-me de braços abertos, mostrando-se muito satisfeito com o bom trabalho que lhe fizera. Deu-me logo dois bellos fatos, um preto e outro de côr, tratando-me em tudo muito bem. Installou-me n'uma loja sua, confiando á minha guarda, tanto em mercadorias como em dinheiro de contado, um valor de cento e trinta mil pesos, e deu-me uma lista com os preços porque devia vender cada cousa. Deixou-me dois escravos para me servirem, uma cozinheira preta, e estipulou-me a quantia de tres piastras para as despezas de cada dia.

Feito isto, partiu para a cidade Truxillo, distante umas trinta leguas, levando o resto dos seus bens.

Fiquei, pois, com a lista já referida e com um

rol das pessoas ás quaes podia entregar a credito a fazenda que quizessem levar, como pessoas de confiança e probas, mas abrindo-lhes uma conta propria em que mencionaria minuciosamente cada artigo.

Esta nota respeitava particularmente á senhora D. Beatriz de Cardenas, pessoa de todo o agrado e satisfação de meu amo, que, depois d'estas recommendações, partiu para Truxillo.

Fiquei em Saña, na loja, vendendo conforme as regras que elle me deixára, recebendo e assentando no livro respectivo, mencionando o dia, mez e anno, qualidade, medida nome dos compradores e o preço, assim como tambem o que vendia a credito.

A senhora D. Beatriz de Cardenas começou levando varios estofos, e isto em tão larga escala que principiei a duvidar. Sem que ella o pudesse suspeitar, escrevi para Truxillo, contando a meu patrão tudo por miude.

Respondeu-me elle que estava muito bem e que, no caso da referida dama me pedir a loja inteira, lh'a podia confiar.

Guardei esta carta em meu poder, para minha salvaguarda, e deixei correr o negocio.

Quem me diria que este socego seria de bem pouca dura e promptamente seguido de tão grandes desgostos!

N'um domingo, fui ao theatro e sentei-me no logar que comprara, quando, de repente entrou, passando por mim sem nenhuma delicadeza, um quidam chamado Reyes e se collocou na minha frente, n'outra cadeira, mas tão chegado que me não deixava ver nada. Pedi lhe então o favor de se desviar um pouco. Respondeu-me insolentemente, e eu repliquei-lhe no mesmo tom. Desafiei-me para sair, dizendo que havia de quebrar-me a cara. Encontrando-me sem armas, a não ser uma pequena adaga, mas cheio de ira, deixei-lhe o logar.

Alguns amigos meus, informados do facto, seguiram-nos e tentaram socegar-me.

No dia seguinte, segunda feira, pela manhã, estando eu ao baicão, o tal Reyes passou por diante da porta umas duas vezes. Eu, mal o vi, fechei logo a loja, agarrei n'uma faca, e, correndo a um barbeiro, mandei-a passar ao rebole e afial-a em bico.

Peguei n'uma espada, por signal, foi a primeira que cingi, e vendo Reyes que andava passeando de um lado para o outro no adro da igreja, fui por detraz d'elle e gritei-lhe:

— Olá! senhor Reyes, por aqui!

Elle voltou-se, perguntando:

— Que é o que me quer?

— Esta é a cara que se havia de quebrar, disse eu, vibrando-lhe com a faca um valente gilvaz na cara. Reyes levou as mãos á ferida, e um seu amigo que o acompanhava puxou pela espada e veio sobre mim. Eu fiz o mesmo. Cruzámos os ferros e metti-lhe a ponta da espada pelo lado esquerdo. Caiu logo. Corri a acotitar-me na igreja proxima. Logo em seguida, o corregedor D. Mendo de Quiñonez, do habito d'Alcantara, entrou no templo, e arrastou-me para fóra, conduziu-me á prisão (foi a primeira que soffri) mandou pôr-me a ferros e amarrar ao tronco.

Avisei meu amo, Juan de Urquiza, que se encontrava em Truxillo, a umas trinta leguas de Saña. Elle acudiu, fallou ao corregedor e fez outras diligencias, mediante as quaes obteve a minha sahida da prisão. O processo seguiu os seus tramites. Passados tres mezes de arazoados e officios do senhor bispo, fui restituído á igreja onde fóra apanhado.

Entrementes, disse-me meu patrão que para terminar este conflicto, evitar o depredo, e livrar-me do sobresalto de ser morto, tivera uma idéa salvadora que era a de me casar com D. Beatriz de Cardenas, cuja sobrinha era mulher do proprio Reyes a quem eu ferira na cara; o que conciliaria tudo.

É conveniente saber-se que D. Beatriz de Cardenas era amante de meu patrão, que, por este meio, nos segurava, a mim no seu serviço e a ella nos seus prazeres. Estavam, ao que parece, ambos de accordo, porque depois de eu ter sido restituído á jurisdicção da igreja, sai de noite, fui a casa da supracitada dama, a qual me fez muita festa.

Pretendendo ter medo da justiça, pedi-me muito que não voltasse alta noite á igreja, e que ficasse junto d'ella. Uma noite, tendo-me fechado em casa, declarou-me que embora o diabo não quizesse, me era forçoso dormir com ella, e chegou-me tanto para si que me foi preciso brincar de mãos para me safar.

Guardei-me bem de dizer a meu patrão que não podia realisar semelhante casamento, e que por coisa alguma d'este mundo o faria. Persistiu elle e prometeu-me mundos e fundos, representando-

me a notavel belleza e as nobres qualidades da dama, o feliz exito d'este lamentavel negocio e muitas outras conveniencias. Comtudo, continuei firme n'esse proposito. Meu amo, vendo isto, propoz-me a ida para Truxillo, com as mesmas commodidades e emprego. É claro que acceitei.

IV

Dirigi-me, pois, á cidade de Truxillo, bispado suffraganeo de Lima, onde meu patrão tinha uma loja. Entrei para ella, começando logo a tomar nota das vendas e dos fiados, da mesma fórma que o fazia em Saña, com a ajuda d'outro livro como o primeiro, em que eu tinha marcados os preços das fazendas e assentes as dividas anteriores.

Passaram-se assim uns dois mezes.

Uma manhã, perto das oito horas, estava eu no estabelecimento a pagar uma letra de cambio sacada por meu patrão, da importancia de quatro mil pesos, quando entrou um negro que me disse:

— Estão ali á porta uns homens que teem cara de andarem armados.

Reccebi o aviso, despachei o meu recebedor o mais depressa que pude, depois d'elle me ter passado o recibo, e chamei Francisco Zerain para vêr o que se passava.

Veiu elle immediatamente e reconheceu os tres homens que estavam á porta da loja. Era Reyes, com um seu amigo, o mesmo a quem eu dera uma estocada em Saña, e um outro.

Depois de ter recommendado ao negro que fechasse a porta, sahimos para a rua. Elles, assim que nos viram, carregaram sobre nós. Atacámos, e esgrimindo, o meu mau sestro quiz que tivesse a infelicidade de dar um golpe no amigo de Reyes. Caiu logo. Continuámos a bater-nos dois contra dois, com valentia e coragem.

N'esta altura, appareceu o corregedor D. Ordóño de Aguirre com dois meirinhos que me prenderam. Francisco Zerain deitou a correr e acotou-se em logar sagrado.

Levando-me para a prisão, o proprio corregedor porque os meirinhos tinham ficado com os outros, perguntou-me elle o meu nome e onde estava empregado.

Sabendo que eu era biscainho, disse-me em basco: que fugisse, cortando o cinto de couro com que elle me levava preso, isto ao passar diante da cathedral, para me salvar, refugiando-me alli, o que eu fiz sem esperar que m'o dissesse segunda vez.

Acoitei-me na igreja, e elle ficou no meio da rua, gritando em alto berreiro.

Uma vez refugiado, escrevi para Saña, avisando meu amo. Veiu elle sem demora e tratou de arranjar o negocio, mas não houve meio, porque sobrevieram ao crime de homicidio não sei que outras complicações. Resolveu-se a fazer-me safar para Lima. Fizemos as nossas contas, e meu patrão mandou-me arranjar dois fatos, deume dois mil e seiscentos pesos e uma carta de recommendação. Parti logo.

V

Sai de Truxillo, e, depois de umas oitenta leguas de caminho, entrei na cidade de Lima, capital do opulento reino do Perú, o qual comprehende cento e duas cidades de hespanhoes, sem contar grande numero de terras, vinte e oito bispados e arcebispados, cento e trinta e seis corregedores, os tribunaes reaes de Valladolid, Granada, Charcas, Quinto, Chili, e Paz.

Lima tem um bispo, uma igreja cathedral no gosto da de Sevilha, posto que mais pequena, com cinco beneficios, dez canonicatos, seis prebendas completas e seis meias prebendas, quatro curatos, sete parochias, doze conventos de monges e monjas, oito hospitaes, um cemiterio, tribunal da Inquisição — ha outro em Carthagená —, universidade, vice-rei, tribunal real que governa o resto do Perú e outras magnificencias.

Entreguei a carta que levava a Diego de Solarte, abastado mercador, que é hoje consul Mayor de Lima. Era a elle que meu patrão Juan de Urquiza me recommendava. Acolheu-me em casa com galanteria e affabilidade e, poucos dias depois, mandou-me para o seu estabelecimento, estipulando um ordenado annual de seiscentos pesos. Ahí me empreguei muito ao seu contento e satisfação.

Ao fim de nove mezes, disse-me elle que arranjasse a minha vida n'outro lado. Eis a razão disto:

Tinha Diego de Solarte em sua casa duas meninas, irmãs de sua mulher, com as quaes, e especialmente com uma, de quem eu gostava bastante, tinha costume de rir e brincar.

(Continua)

Estevés Pereira.



Recebemos e agradecemos

Annuario da Escola do Exercito, anno lectivo de 1896-1897 — Lisboa — Imprensa Nacional — 1897.

Além da Universidade e de alguns outros estabelecimentos de instrução portugueza, em bem reduzido numero na verdade, muito poucos são aquelles que publicam no fim do anno lectivo, ou no seu inicio um *annuario* ou *qualesquer annaes*, de cuja consulta se tire proveito.

Da Escola do Exercito, tambem se sentia esta necessidade, e é com vivo prazer que noticiamos o actual annuario, muito mais desenvolvido e completo do que o antecedente, e a cujo apparecimento nos referimos com justos elogios ao seu auctor sr. Julio de Magalhães.

Além do calendario para o anno lectivo de 1896-97, e da acta da sessão solemne de inauguração dos trabalhos escolares do mesmo anno lectivo, e acta da referida sessão divide-se o annuario nas seguintes partes:

I. *Legislação* — II. *Organisação* — III. *Ensino* — IV. *Estatística* — *Appendice*. N'estes capitulos, conglobam-se em boa ordem e disposição todas as indicações interessantes á organização dos estudos e serviços da escola. No *appendice* trata-se das publicações adquiridas para a bibliotheca da escola durante o anno lectivo de 1895-1896, por compra e offerta, e da sessão do conselho de instrução, congratulatoria pelo regresso do lente expedicionario de Africa, Augusto Freire de Andrade.

Em resumo, um bem elaborado trabalho, digno de servir de modelo á outros estabelecimentos congêneres.

O Riomoinhense — *quinzenal litterario, publicação a beneficio da sociedade de soccorros mutuos Soares Mendes de Abrantes. Livraria Antonio Salgueiro, Abrantes.*

Temos presente o 1.º numero d'esta revista scientifica, critica e litteraria que se começou a publicar no dia 1 de maio na villa de Abrantes, e cujo director é o sr. Egydio Salgueiro.

No seu programma diz: «O *Riomoinhense*, a partir de hoje, deixa de acompanhar exclusivamente o movimento noticioso do concelho para tratar todos os assumptos que podem interessar os seus leitores.

«Divulgando conhecimentos colhidos em todos os ramos, em que se divide a cultura da intelligencia, o *Riomoinhense* será um quinzenario de vulgarisação, illustrado quando o possa ser, e assim comprehenderá secções variadas e formará cada anno um bello volume de leitura curiosa e interessante.»

Uma longa vida é o que desejamos a tão apreciavel publicação.

O processo das tres côres — Novos trabalhos typographicos de *Castello Branco & Alabern* e de *Luiz Augusto das Neves*, impressor.

Já, em tempos, tivemos occasião de fallar d'este novo processo de chroma-typographia, quando a Companhia Nacional Editora introduziu entre nós este invento americano. Aos louvores então rendidos á nobre iniciativa dos artistas que collaboraram n'aquelle trabalho, veem agora ajuntar-se outros elogios não menos merecidos pelo bem que cooperaram com os distinctos photogravadores *Castello Branco & Alabern* na feitura de um lindissimo chromo representando um interior grego cujo colorido, apenas com tres côres, tem

um magico effeito de tons suaves e notavel propriedade. As poucas côres, obtidas pela lavagem das diferentes terras e argilas, usadas pelos gregos, tem a sua perfeita representação nos emoldurados das paredes, no tom dos marmores, do bronze e até no da cor negra do corpo da escraya egypcia, sendo realmente muito bem conseguidos, apenas com a justaposição das tres côres.

Não só á execução d'este novo chromo ha que prestar homenagem, como ainda ás operações precedentes e fundamentais para elle; referim-nos á producção das chapas. Foram ellas as primeiras que se executaram no nosso paiz, obtidas pela firma *Castello Branco & Alabern*, de Lisboa, que tem privilegio em Hespanha e breve o terá em Portugal, pois já está pedido.

No exemplar d'este chromo, com que fomos brindados, lê-se o seguinte:

«Este processo de reproducção de desenhos a

em perfeição e bom gosto todos os trabalhos até agora apresentados no genero, e aqui lhes lavramos os nossos mais sinceros applausos pelo brilhante resultado obtido.

Prestemos agora homenagem a outra tentativa, que, embora modesta, representa com bastante credito o valor dos artistas nacionaes. Referim-nos a uma importantissima simplificação obtida n'este processo pelo sr. L. Augusto Neves, intelligente e talentoso impressor da conceituada typographia do sr. A. E. Barata, onde se imprime o nosso periodico.

Só lamentamos que a gravura em madeira, escolhida para prova d'este trabalho, não permittisse ao sympathico artista um effeito mais seductor. Mas, aparte, o haver-se servido de uma gravura velha e estragada, que deve ter tirado perto de um milhão de exemplares, nas capas de fasciculo do romance que illustrava — o *Amor dos Amores*,

só temos a incitar e louvar o laborioso descobrimento do sr. Augusto Neves, pois que elle consegue com uma unica chapa os resultados que até aqui reclamavam tres. É uma simplificação que, bem estudada, honra muito o auctor d'ella.

Na prova que nos offereceu, diz o sr. Neves acerca do *Processo Nacional das tres côres, sobre a mesma gravura*:

«A impressão e divisão das tres côres é sempre executada sobre a mesma gravura, tornando-se verdadeiramente economica, podendo assim os srs. editores apresentar as gravuras, quer em madeira quer em photo-gravuras, impressas a chromo typographico, apenas com o dispendio da impressão, pois que por este processo o impressor executará todo o trabalho, sem ser preciso outro auxiliar.»

E ao lado da estampa rubricamos os tres unicas côres com que obtve o seu chromo, circumstancia que muito elocida.

Com uma boa gravura, de desenho bem escolhido, deve o sr. Augusto Neves produzir um chromo notavel, e foi esta deficiencia o que, por agora, não lhe deixou apresentar um trabalho que inquestionavelmente deve ser o mais elogiado pela sua importancia, atenta a simplificação apontada.

Continue o nosso amigo e collaborador na parte artistica do *OCCIDENTE* nos seus empreendimentos e auguramos-lhe um risonho exito.

Já depois de havermos escripto estas linhas, apresentounos o mesmo artista um novo trabalho muito superior ao primeiro e obtido com uma unica chapa photogravada. Tem cor lorida agradavel e mostra á evidencia quanto ha a esperar do novo processo e da simplificação descoberta pelo sr. Augusto Neves.

Reiteramos-lhe os nossos parabens.

HOMENAGEM A SILVA PORTO



TRASLADAÇÃO DOS RESTOS MORTAES DE SILVA PORTO PARA O JAZIGO NO CEMITERIO ORIENTAL

(Desenho de J. R. Christino)

côres, taes como aguarellas, quadros a oleo, etc., é além de tudo, notabilissimo por conseguir copiar fielmente pela photographia qualquer trabalho artistico, com a maxima exactidão, fazendo-se apenas tres impressões.

«Executamos assim, photographicamente, qualquer chromo, com rapidez e, além de tudo, importante economia, por isso que obtemos em tres unicas tiragens, effeitos superiores aos que d'antes só defeituosamente se conseguiam com tantas impressões quantas eram as diferentes cambiantes de cor dos originaes. Este processo emprega-se, tambem, em reproducções do natural, de todos os objectos de côres.

«Apresentou em tempo a Companhia Nacional Editora o primeiro trabalho de impressão por este processo, mas feito sobre chapas estrangeiras. Cabe-nos agora a vantagem de apresentar as primeiras chapas gravadas em Portugal, as quaes como se poderá ver são ainda superiores aquellas.»

E, com verdade, assim é. O chromo apresentado pelos srs. *Castello Branco & Alabern* excede

LIVROS PARA RIR

O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Tradução de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a côres
PREÇO 200 REIS PRATO COMRICO 220

Pedidos á empresa do *Ocidente*, largo do Poço Novo — Lisboa.

Almanach illustrado do «Ocidente» Para 1898

Entrou no prelo este esplendido annuario para 1898 e recebem-se annuncios até o fim d'este mez. Desde já se recebem encomendas na EMPRESA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 e 27